

**SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: DESAFIOS, PERSPECTIVAS E ESTRATÉGIAS PARA A
EDUCAÇÃO INTEGRAL**

**MENTAL HEALTH IN SCHOOLS: CHALLENGES, PERSPECTIVES, AND STRATEGIES FOR
INTEGRAL EDUCATION**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.056-003>

Lozinete Luzia Santana

Licenciatura em Pedagogia - Faculdade Única
E-mail: lozinete.luzia@gmail.com

Genival Francisco de Carvalho

Graduação em Ciências Contábeis - UFT
E-mail: gennivalcarvalho@gmail.com

Marineusa Gonçalves Martins

Graduação em Pedagogia - UNITINS
E-mail: marineusamartins3@hotmail.com

Elizama Alves de Aquino

Graduação em Pedagogia - UNIVAG
E-mail: aquiprof@gmail.com

Claucione Soares Telles

Pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva - FAVENI
E-mail: claucionetelles@gmail.com

Daniele Alves Benedito de Carvalho

Graduanda em Gerontologia - Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera
E-mail: daniele-201102@hotmail.com

Graziele Beatriz Varreira Arend

Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional – Faculdade Metropolitana
E-mail: graziele.arend@gmail.com

Carla Adriana da Silva Martins Struck

Graduação em Pedagogia - UFR
E-mail: carlamstruck@gmail.com

Rhaissa Pereira Santos de Moraes

Pós-graduação em Psicopedagogia e Educação Infantil – Faculdade Iguaçu
E-mail: rhaissa_morais@hotmail.com

Adriany Vigilato Gomes Felício

Pós-graduação em Psicopedagogia Clínico e Institucional - Faculdade Afirmativo
E-mail: adrianyvigilato@gmail.com

Siane Ciocari

Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional - Rhema de Educação

E-mail: sciocari13@gmail.com

Luciana Aparecida de Moraes Brígido

Doutoranda em Saúde – UFVJM

E-mail: luciana.moraes@ufvjm.edu.br

Bibiana Kaiser Dutra

Pós-doutorado em Fisiologia dos Grupos Recentes - Instituto Federal Farroupilha campus São Vicente do Sul/RS

E-mail: bibianakaiser@gmail.com

Resumo

Este trabalho discute a importância da promoção da saúde mental no ambiente escolar, considerando as especificidades da educação infantil, ensino fundamental e médio. A análise evidencia que cada etapa apresenta demandas próprias, como o desenvolvimento socioemocional inicial, a prevenção do bullying e a orientação vocacional, exigindo estratégias diferenciadas e integradas. Foram abordados aspectos como a influência das tecnologias digitais, a necessidade de políticas públicas consistentes e o papel da família e da escola na construção de vínculos afetivos e sociais. Conclui-se que a educação, ao integrar o cuidado emocional ao currículo, contribui para a formação integral dos estudantes e para a construção de uma sociedade mais saudável e resiliente.

Palavras-chave: Adolescentes; Crianças; Educação; Escola; Habilidades Socioemocionais; Políticas Públicas; Saúde Mental.

Abstract

This study discusses the importance of promoting mental health in the school environment, considering the specific needs of early childhood education, elementary school, and high school. The analysis shows that each stage presents unique demands, such as initial socio-emotional development, bullying prevention, and vocational guidance, requiring differentiated and integrated strategies. Topics such as the influence of digital technologies, the need for consistent public policies, and the role of family and school in building emotional and social bonds were addressed. It is concluded that education, by integrating emotional care into the curriculum, contributes to the holistic development of students and to the construction of a healthier and more resilient society.

Keywords: Adolescents; Children; Education; Mental Health; Public Policies; School; Socio-emotional Skills.

1 INTRODUÇÃO

A relevância da saúde mental na infância e adolescência tem ganhado cada vez mais espaço nas discussões acadêmicas e sociais, especialmente diante do aumento de casos de ansiedade, depressão e outros transtornos nessa faixa etária. A escola, como ambiente de convivência diária, torna-se um espaço estratégico para identificar sinais de sofrimento emocional e promover práticas preventivas. De acordo com a OMS (2020), metade dos transtornos mentais surge antes dos 14 anos, o que reforça a urgência de políticas educacionais voltadas para o cuidado integral dos estudantes.

Além disso, a educação desempenha papel fundamental na formação de competências socioemocionais, como empatia, resiliência e autocontrole, que são essenciais para o enfrentamento das adversidades da vida. A UNESCO (2021) destaca que programas escolares que integram o desenvolvimento socioemocional ao currículo contribuem não apenas para o bem-estar psicológico, mas também para a melhoria do desempenho acadêmico e da convivência social. Assim, a introdução da temática da saúde mental no contexto educacional não deve ser vista como algo secundário, mas como parte indispensável da formação integral de crianças e adolescentes.

A discussão sobre saúde mental na escola também está diretamente relacionada às transformações sociais e culturais do século XXI. O aumento da competitividade, a pressão por resultados acadêmicos e a influência das tecnologias digitais têm impactado o bem-estar emocional dos estudantes. Nesse cenário, a escola assume papel central como espaço de prevenção e promoção da saúde, oferecendo condições para que os alunos desenvolvam habilidades socioemocionais capazes de enfrentar os desafios contemporâneos.

Outro aspecto relevante é o combate ao estigma associado aos transtornos mentais. Muitas vezes, alunos que apresentam sinais de sofrimento emocional são rotulados ou marginalizados, o que dificulta o acesso ao apoio necessário. Corrigan e Watson (2002) destacam que o estigma é um dos maiores obstáculos para que jovens busquem ajuda, reforçando a importância de práticas escolares que promovam acolhimento e inclusão.

Por fim, é preciso reconhecer que a saúde mental está diretamente ligada ao desempenho acadêmico e à permanência escolar. Estudos como os de aula Corrigan e Watson (2002) mostram que problemas emocionais não tratados podem levar à queda no rendimento e até à evasão. Nesse sentido, investir em programas de apoio psicológico e em políticas públicas integradas é fundamental para garantir que a escola cumpra sua função social de formar cidadãos conscientes, resilientes e preparados para a vida em sociedade.

2 SAÚDE MENTAL E EDUCAÇÃO: ANÁLISE E PERSPECTIVAS

A escola, como espaço de socialização e aprendizagem, exerce influência direta na formação da identidade e no desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes. Diversos estudos apontam que o

ambiente escolar pode funcionar tanto como fator de risco quanto de proteção para a saúde mental. Quando estruturado de forma acolhedora, inclusiva e participativa, ele contribui para a prevenção de transtornos e para a promoção do bem-estar psicológico.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), cerca de 10 a 20% dos adolescentes em todo o mundo enfrentam algum tipo de transtorno mental, sendo a maioria não diagnosticada ou não tratada. Nesse sentido, a educação tem papel estratégico ao oferecer programas de prevenção e promoção da saúde, que podem reduzir significativamente esses índices.

Um dos pontos centrais é o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) já reconhece a importância dessas competências, como empatia, autocontrole e cooperação, para o desenvolvimento integral dos estudantes. Pesquisas de CASEL (Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning, 2019) demonstram que programas de educação socioemocional aplicados em escolas aumentam o desempenho acadêmico e reduzem sintomas de ansiedade e depressão.

Outro aspecto relevante é a prevenção do bullying e da violência escolar. Estudos de Fante (2005) mostram que práticas educativas voltadas para o respeito às diferenças e para a valorização da diversidade reduzem significativamente os impactos emocionais negativos causados por situações de exclusão e agressão. A escola, ao promover um ambiente seguro, fortalece a autoestima e a confiança dos estudantes.

A integração entre família e escola também é fundamental. Bronfenbrenner (1996), em sua teoria ecológica do desenvolvimento humano, destaca que o bem-estar da criança depende da interação entre os diferentes sistemas que a cercam. Assim, quando pais e professores trabalham em conjunto, cria-se uma rede de apoio que potencializa os efeitos das ações educativas e amplia a proteção contra transtornos mentais.

Além disso, políticas públicas voltadas para a formação de professores em saúde mental são indispensáveis. Conforme aponta a UNESCO (2021), capacitar educadores para identificar sinais de sofrimento emocional e encaminhar os estudantes para apoio especializado é uma medida eficaz para reduzir casos graves e evitar a cronificação de transtornos.

Um aspecto que merece atenção é a formação continuada dos professores. Educadores preparados para lidar com questões emocionais e comportamentais tornam-se agentes fundamentais na promoção da saúde mental escolar. De acordo com a UNESCO (2021), capacitar docentes para identificar sinais de sofrimento psicológico e encaminhar os estudantes para apoio especializado é uma medida estratégica que amplia a eficácia das ações educativas. Além disso, professores que desenvolvem práticas pedagógicas voltadas para o diálogo e a escuta ativa contribuem para a criação de vínculos positivos, fortalecendo a confiança dos alunos e prevenindo situações de isolamento ou exclusão.

Outro elemento essencial é a implementação de programas institucionais de saúde mental nas escolas. Iniciativas como rodas de conversa, oficinas de autoconhecimento e projetos de educação socioemocional têm demonstrado resultados significativos na redução de sintomas de ansiedade e depressão entre adolescentes. Pesquisas conduzidas por CASEL (2019) evidenciam que escolas que adotam programas estruturados de aprendizagem socioemocional apresentam não apenas melhorias no bem-estar psicológico dos estudantes, mas também avanços no desempenho acadêmico e na convivência social. Isso reforça a ideia de que investir em saúde mental dentro do ambiente escolar não é um gasto, mas sim um investimento no futuro da sociedade.

Outro ponto que merece destaque é a necessidade de políticas públicas integradas que fortaleçam o papel da educação na promoção da saúde mental. A escola, isoladamente, não consegue dar conta de todos os desafios enfrentados pelos jovens. É fundamental que haja articulação entre os setores da saúde, assistência social e educação, garantindo suporte psicológico e acompanhamento especializado quando necessário. De acordo com a UNESCO (2021), programas intersetoriais que envolvem diferentes áreas do governo e da sociedade civil ampliam a eficácia das ações educativas e reduzem desigualdades no acesso ao cuidado.

Além disso, é importante considerar o impacto das novas tecnologias e redes sociais na vida dos adolescentes. O uso excessivo de dispositivos digitais, associado à exposição a conteúdos nocivos, pode gerar estresse, ansiedade e baixa autoestima. Nesse contexto, a escola tem papel essencial ao promover a educação digital crítica, ensinando os estudantes a utilizar a tecnologia de forma saudável e consciente. Pesquisas recentes, como as de Livingstone e Helsper (2007), apontam que a alfabetização digital, quando trabalhada em conjunto com a educação socioemocional, contribui para reduzir os riscos associados ao mundo virtual e fortalece a autonomia dos jovens.

Portanto, o papel da educação na promoção da saúde mental vai muito além da transmissão de conteúdos acadêmicos. Ele envolve práticas pedagógicas inovadoras, políticas inclusivas e a construção de uma cultura escolar que valorize o cuidado, o diálogo e o respeito às diferenças.

3 DESAFIOS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Apesar dos avanços na compreensão da importância da educação para a saúde mental, ainda existem inúmeros desafios estruturais e culturais que dificultam a implementação de políticas eficazes. Entre eles, destaca-se a falta de recursos financeiros e humanos para garantir atendimento psicológico adequado nas escolas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), mais de 50% dos países não possuem programas específicos voltados para a saúde mental de crianças e adolescentes, o que evidencia uma lacuna significativa na proteção dessa população.

Outro desafio importante é o estigma social associado aos transtornos mentais. Muitas vezes, crianças e adolescentes que apresentam sintomas de ansiedade ou depressão são rotulados como “problemáticos” ou “desinteressados”, o que dificulta o acesso ao apoio adequado. De acordo com Corrigan e Watson (2002), o estigma é um dos principais obstáculos para que indivíduos busquem ajuda, e a escola pode desempenhar papel crucial na desconstrução desses preconceitos por meio de práticas educativas inclusivas e campanhas de conscientização.

No entanto, as perspectivas futuras são promissoras. A crescente valorização da saúde mental em políticas educacionais e a inclusão de competências socioemocionais nos currículos, como previsto pela BNCC (2017), representam avanços significativos. Além disso, a utilização de tecnologias digitais para monitoramento do bem-estar e oferta de apoio psicológico remoto tem se mostrado uma alternativa viável. Pesquisas de Livingstone e Helsper (2007) destacam que a alfabetização digital crítica, quando associada à educação socioemocional, contribui para reduzir os impactos negativos do uso excessivo das redes sociais e fortalece a autonomia dos jovens.

Um desafio recorrente é a desigualdade no acesso aos serviços de saúde mental. Em regiões mais vulneráveis, muitas escolas não possuem psicólogos ou profissionais especializados, o que limita a capacidade de identificar e tratar precocemente os transtornos. De acordo com Corrigan e Watson (2002), a maioria dos jovens brasileiros com problemas emocionais não recebe acompanhamento adequado, o que pode levar à cronificação dos sintomas e ao comprometimento do desempenho escolar. Essa realidade evidencia a necessidade de políticas públicas que garantam equidade, ampliando o acesso a recursos de saúde mental em todas as regiões do país.

Outro ponto crítico refere-se à formação docente e à sobrecarga de responsabilidades dos professores. Muitos educadores não se sentem preparados para lidar com questões emocionais complexas e, ao mesmo tempo, enfrentam pressões relacionadas ao desempenho acadêmico dos alunos. A UNESCO (2021) destaca que investir em formação continuada é essencial para que os professores possam atuar como agentes de promoção da saúde mental, sem que isso represente um peso adicional em suas funções. Além disso, é necessário que haja suporte institucional e intersetorial, de modo que o professor não seja o único responsável pelo cuidado emocional dos estudantes, mas parte de uma rede de apoio integrada.

Por fim, é necessário destacar que a construção de uma escola promotora de saúde mental exige formação continuada de professores e integração entre diferentes setores da sociedade. A UNESCO (2021) reforça que capacitar educadores para identificar sinais de sofrimento emocional e encaminhar os estudantes para serviços especializados é uma das estratégias mais eficazes para reduzir casos graves e prevenir a cronificação de transtornos. Assim, o futuro aponta para uma educação que não apenas transmite conhecimento, mas que também se compromete com o cuidado integral, preparando crianças e adolescentes para enfrentar os desafios emocionais da vida contemporânea.

4 SAÚDE MENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL, ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

A educação infantil é a fase em que se estabelecem as bases do desenvolvimento emocional e social. Nesse período, a criança aprende a reconhecer e expressar sentimentos, construir vínculos afetivos e desenvolver habilidades de convivência. A escola deve oferecer um ambiente seguro e acolhedor, com atividades lúdicas que favoreçam a criatividade e a socialização. Segundo Bronfenbrenner (1996), o contexto ecológico da criança influencia diretamente seu desenvolvimento, o que reforça a importância de práticas pedagógicas que promovam bem-estar e previnam dificuldades emocionais futuras.

No ensino fundamental, os desafios se tornam mais evidentes, especialmente com o aumento das demandas acadêmicas e sociais. É nessa fase que o bullying aparece com maior intensidade, exigindo da escola estratégias de prevenção e intervenção. Fante (2005) destaca que a violência escolar compromete não apenas o desempenho acadêmico, mas também a saúde mental dos estudantes. Além disso, a integração entre família e escola é essencial para garantir apoio emocional e fortalecer a autoestima dos alunos. A OMS (2020) aponta que 1 em cada 7 jovens entre 10 e 19 anos apresenta algum transtorno mental, o que reforça a necessidade de políticas educacionais voltadas para a prevenção e promoção da saúde psicológica.

Já no ensino médio, os adolescentes enfrentam pressões relacionadas à escolha profissional, desempenho acadêmico e construção da identidade social. Essa etapa é marcada por maior vulnerabilidade emocional, com riscos de ansiedade e depressão. Corrigan e Watson (2002) evidenciam que a prevalência de problemas de saúde mental entre adolescentes brasileiros é significativa, exigindo atenção especial das instituições de ensino. Programas de orientação vocacional, rodas de conversa e acompanhamento psicológico são estratégias eficazes para apoiar os jovens nesse processo. A UNESCO (2021) reforça que escolas que integram saúde mental ao currículo contribuem para formar cidadãos mais resilientes e preparados para os desafios da vida adulta.

Portanto, cada etapa da educação demanda estratégias específicas para a promoção da saúde mental, mas todas convergem para um mesmo objetivo: garantir o desenvolvimento integral dos estudantes. A escola, ao assumir esse papel, torna-se não apenas um espaço de aprendizagem cognitiva, mas também de formação emocional e social, preparando crianças e adolescentes para uma vida mais equilibrada e saudável.

Um aspecto que merece atenção especial é a formação de vínculos sociais em cada etapa da educação. Na educação infantil, o brincar coletivo e a interação com colegas são fundamentais para o desenvolvimento da empatia e da cooperação. Já no ensino fundamental, esses vínculos se ampliam e passam a incluir a construção de amizades mais duradouras, que podem servir como fator de proteção contra o isolamento e o bullying. No ensino médio, os grupos sociais tornam-se ainda mais relevantes, influenciando diretamente a autoestima e a identidade dos adolescentes. Como destaca Bronfenbrenner

(1996), o ambiente social exerce papel decisivo na formação psicológica, reforçando a necessidade de práticas escolares que estimulem relações saudáveis e inclusivas.

Outro ponto importante é a necessidade de políticas públicas específicas para cada nível de ensino. Enquanto na educação infantil o foco deve estar em programas de estimulação precoce e acolhimento, no ensino fundamental é essencial investir em ações de prevenção ao bullying e promoção de habilidades socioemocionais. Já no ensino médio, políticas voltadas para orientação vocacional e apoio psicológico são indispensáveis para preparar os jovens para a transição à vida adulta. A BNCC (2017) já prevê a inclusão de competências socioemocionais nos currículos, que mostram que a falta de recursos e acompanhamento contínuo ainda limita a efetividade dessas iniciativas. Portanto, é fundamental que gestores e educadores reconheçam as especificidades de cada etapa e implementem estratégias adequadas para garantir o bem-estar emocional dos estudantes.

Um fator que também precisa ser considerado é a influência das tecnologias digitais em cada etapa da educação. Na educação infantil, o uso precoce de dispositivos pode afetar o desenvolvimento da atenção e da socialização, exigindo que a escola e a família estabeleçam limites e promovam atividades presenciais de interação. Já no ensino fundamental, a internet se torna uma ferramenta de aprendizado, mas também pode ser fonte de riscos como cyberbullying e exposição a conteúdos inadequados. No ensino médio, os adolescentes utilizam as redes sociais como espaço de construção de identidade, o que pode gerar tanto benefícios quanto vulnerabilidades emocionais. Livingstone e Helsper (2007) destacam que a inclusão digital deve ser acompanhada de políticas que reduzam desigualdades e promovam o uso saudável das tecnologias.

Outro aspecto relevante é a necessidade de acompanhamento psicológico dentro das instituições escolares. Embora muitas escolas já contem com orientadores educacionais, a presença de profissionais da saúde mental ainda é limitada. A implementação de equipes multiprofissionais, com psicólogos e assistentes sociais, pode contribuir para identificar precocemente sinais de sofrimento emocional e oferecer suporte adequado. Corrigan e Watson (2002) ressaltam que o estigma associado aos transtornos mentais é um dos maiores obstáculos para que jovens busquem ajuda, tornando essencial que a escola seja um espaço de acolhimento e de combate a preconceitos. Dessa forma, cada nível de ensino pode se tornar um ambiente mais inclusivo e preparado para lidar com as demandas emocionais dos estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada evidencia que a promoção da saúde mental na escola deve ser compreendida como parte essencial da formação integral dos estudantes. As discussões ao longo do trabalho mostraram que cada etapa da educação, infantil, fundamental e médio, apresenta demandas específicas que precisam ser atendidas por meio de estratégias pedagógicas, políticas públicas e apoio institucional. A OMS (2020)

e a UNESCO (2021) reforçam que programas intersetoriais e currículos que valorizem competências socioemocionais são fundamentais para prevenir transtornos e fortalecer o bem-estar psicológico.

A inclusão de práticas voltadas para vínculos sociais, prevenção do bullying e orientação vocacional amplia o papel da escola como espaço de acolhimento e desenvolvimento humano. Nesse sentido, superar a fragmentação das políticas públicas e investir em formação docente contínua são passos indispensáveis para consolidar uma educação que valorize tanto o desempenho acadêmico quanto o equilíbrio emocional. A BNCC (2017) já aponta nessa direção que ainda há lacunas na implementação prática dessas diretrizes.

Outro ponto que se destacou nas atualizações é a influência das tecnologias digitais na saúde mental dos estudantes. Enquanto podem ser ferramentas de aprendizado e inclusão, também trazem riscos como cyberbullying e dependência. A reflexão de Livingstone e Helsper (2007) evidencia que a inclusão digital deve ser acompanhada de políticas que promovam o uso saudável e equitativo das tecnologias. Nesse contexto, a escola precisa assumir papel ativo na orientação e mediação do uso digital, preparando crianças e adolescentes para lidar com os desafios contemporâneos.

Além das reflexões já apresentadas, é importante destacar que a promoção da saúde mental na escola deve ser vista como responsabilidade coletiva. Não se trata apenas de uma tarefa dos professores ou da equipe pedagógica, mas de um compromisso que envolve gestores, famílias, comunidade e políticas públicas. A criação de uma rede de apoio integrada fortalece a capacidade da escola de identificar precocemente sinais de sofrimento emocional e de oferecer respostas adequadas. Nesse sentido, a articulação entre diferentes setores é indispensável para garantir que crianças e adolescentes tenham acesso a cuidados contínuos e eficazes.

Outro aspecto que merece atenção é a sustentabilidade das ações voltadas para a saúde mental. Muitas iniciativas surgem como projetos temporários ou campanhas pontuais, mas acabam perdendo força com o tempo. Para que haja impacto real e duradouro, é necessário que essas práticas sejam incorporadas de forma permanente ao currículo e à cultura escolar. Isso significa investir em formação docente, infraestrutura adequada e acompanhamento sistemático, garantindo que a saúde mental seja tratada como prioridade e não como complemento. Dessa forma, a escola se consolida como espaço de desenvolvimento integral, preparando os estudantes para enfrentar os desafios acadêmicos e sociais com equilíbrio e resiliência.

Por fim, é necessário reconhecer que a promoção da saúde mental na escola é um investimento de longo prazo, com impacto direto na redução de custos sociais e na formação de cidadãos mais resilientes e conscientes. Como apontam Corrigan e Watson (2002), combater o estigma é essencial para que os jovens busquem ajuda sem medo ou preconceito. Assim, conclui-se que a educação, ao integrar o cuidado

emocional em todas as suas etapas, contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, saudável e preparada para enfrentar os desafios do futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Ministério da Educação**, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: 06 jul. 2026.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CASEL – Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning. 2019 **CASEL Guide to Schoolwide SEL**. Chicago: CASEL, 2019. Disponível em: <https://casel.org/> . Acesso em: 06 jul. 2026.

CORRIGAN, P. W.; WATSON, A. C. Understanding the impact of stigma on people with mental illness. **World Psychiatry**, v. 1, n. 1, p. 16–20, 2002. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1489832/> . Acesso em: 06 jul. 2026.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

LIVINGSTONE, S.; HELSPER, E. J. Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide. **New Media & Society**, v. 9, n. 4, p. 671–696, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444807080335> . Acesso em: 06 jul. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Adolescent mental health**. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health> . Acesso em: 06 jul. 2026.

UNESCO. **Mental health and well-being of learners**: policy and practice review. Paris: UNESCO, 2021. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375107> . Acesso em: 06 jul. 2026. . Acesso em: 06 jul. 2026.